



»Entrevista | SEBASTIÃO COELHO | CANDIDATO AO SENADO

"O Senado vai ser a casa do equilíbrio"

Do Partido Novo, Coelho falou da relação com Bia Kicis e Michelle Bolsonaro e sobre suas propostas para saúde e segurança

» LUIZ FELLIPE ALVES

Candidato ao Senado pelo Partido Novo, Sebastião Coelho, desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), foi o convidado do Podcast do **Correio** de ontem e abordou suas propostas se for eleito. As jornalistas Ana Maria Campos e Sibebe Negromonte, ele também comentou sobre a recente crise no Supremo Tribunal Federal (STF) e a relação que mantém com as candidatas ao Senado Bia Kicis e Michelle Bolsonaro, ambas do PL.

Como aliado de Bolsonaro, como o senhor vê as candidaturas de Michelle e Bia também ao Senado?

Tenho uma relação muito próxima com Jair Bolsonaro, desde quando ele era deputado federal. Antes da minha filiação ao Partido Novo, conversei com ele, e em nenhum momento, ele falou para que eu não me candidatasse ao Senado. A Bia e a Michelle lançaram as suas candidaturas, e cada um de nós seguiu o seu caminho. A Bia é uma excelente parlamentar, mas ela começou a dar entrevistas falando que ela e a Michelle me convidaram para ser suplente e que eu não teria aceitado. Era como se eu tivesse a obrigação de ser suplente. As campanhas feitas pelos apoiadores delas falam que, se a pessoa vota em mim, está elegendo uma senadora de esquerda. Mas não é verdade, quem está votando em mim estará me elegendo. Agora, se alguma delas tem segurança de que não terá os votos suficientes para a eleição, aí não me diz respeito.

Duas candidatas de esquerda também fazem dobradinha. O senhor está fazendo dobradinha com alguém?

Eu sou um defensor intransigente das mulheres. Sou casado há 48 anos, tenho três filhas e uma neta, sou voto vencido em casa. As candidatas de esquerda e de direita estão pedindo voto para a sua dupla, eu estou excluído. Então, eu me vejo na obrigação de não pedir voto para nenhuma das candidatas mulheres, infelizmente. Eu vou recomendar o voto em três candidatos homens. Em um momento oportuno, vou dizer quais são.

Ainda sobre as dobradinhas, o senhor acredita que isso ajuda? Como enxerga essa estratégia?

Ela ajuda, mas não é determinante. Usando a Michelle como exemplo de novo: ela levou Bia para dentro das igrejas evangélicas. Algumas aceitaram, outras não. Uma se dispôs a levar, e a outra, a ir. Mas isso causou um grande rebuliço para algumas lideranças evangélicas, porque está dividindo a igreja.

O senhor teve uma peça de campanha retirada por determinação da Justiça Eleitoral. O que tem a dizer?

Sou o primeiro candidato que foi censurado na eleição. Acho que de Brasília, eu fui o primeiro (risos). Eu estava dando uma entrevista e falei que, do ponto de vista ético, da direita e do Novo, é uma prática comum nos políticos do Nordeste e do centrão colocarem familiares como suplentes (Coelho é de Alagoas). Então, expliquei que a Bia colocou o filho dela como primeiro suplente, e a Michelle colocou o irmão como primeiro suplente.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Então, é uma prática, dizendo por mim, que considero da esquerda e do centrão, não de um partido de direita como são o Novo e o PL.

Qual será a atuação do Senado depois das eleições?

O Senado vai ser a casa do equilíbrio da República. Vimos que o

Poder Judiciário tomou as atribuições do Poder Executivo durante o governo Bolsonaro e, desde lá, toma as atribuições do Poder Legislativo. O nosso STF, depois da sessão da última terça-feira (15/9), ficou um circo. Foi a coisa mais vergonhosa para o Poder Judiciário. Recuperar a credibilidade do Supremo vai demorar anos, gerações, por todos os abusos e invasões de prerrogativas.

Dependendo da composição do Senado, o que pode acontecer com o Supremo?

O primeiro ministro que tem que sair é o Alexandre Moraes, e a

que já praticou muitos crimes. Ele é um criminoso, e hoje está provado que é um bandido ocupando o cargo de juiz da Suprema Corte. Outro é o Gilmar Mendes que quebra a Constituição, que grita e esperneia porque não tem argumentos. O próximo Senado terá essa responsabilidade. A Michelle foi a um evento evangélico ontem e falou que, se for necessário, ela vota o impeachment (do Alexandre de Moraes). Se for preciso? Pelo amor de Deus. Alexandre de Moraes já era para ter saído há muito tempo se não fosse a covardia do atual Senado e a

convivência criminosa de Davi Alcolumbre.

Quais propostas a sua candidatura traz?

A primeira delas é uma grande reforma. Não só soltar o Jair Bolsonaro, mas tirar o Alexandre de Moraes e fazer uma ampla reforma do Poder Judiciário para começar. Ministro do STF precisa ter uma carreira de magistrado, ter no mínimo 55 anos e colocar um mandato de 15 anos. Sobre segurança pública, sou a favor de armar o cidadão de bem. Ele tem o direito de usar armas, mas não é dar armas a qualquer um. A pessoa vai ter que passar por vários requisitos, como treinamento e exame psicológico, para conseguir a permissão. Ainda na área de segurança, é necessário investir nos policiais e em equipamentos. Sobre cultura, a segurança impacta nisso também. Um pai, às vezes, não deixa o filho ir para um show porque não sabe se ele vai voltar vivo. Outra coisa é dar esses orçamentos gigantes, que as prefeituras dão para artista renomado, para o artista que está começando, para que ele possa ser alavancado. Sobre a saúde, um dos maiores gargalos de Brasília, a capital também atende as pessoas do Entorno. Para essa parcela a mais que os hospitais daqui recebem, deveria ter uma compensação do Fundo Constitucional. Tem que melhorar o transporte público, para que essa população seja incentivada a pegar o ônibus e não usar o carro, evitando engarrafamento. Por último, também vou acabar com esse assistencialismo do jeito que está que, para mim, é uma escravidão. Para isso, é necessário ensinar o jovem desde cedo a estudar e a trabalhar.

PODCAST DO CORREIO

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Candidata a deputada distrital pelo Republicanos, Cris Nardes criticou a pouca presença feminina

Cris Nardes destaca atuação em compliance e gestão

» IAGO MAC CORD

A jornalista e especialista em governança Cris Nardes (Republicanos), de 44 anos, detalhou sua trajetória na gestão pública e apresentou, no *Podcast do Correio*, suas diretrizes para disputar uma vaga de deputada distrital. As jornalistas Ana Maria Campos e Sibebe Negromonte, a candidata afirmou que sua atuação na Câmara Legislativa do DF (CLDF) terá como eixos o combate à corrupção, a fiscalização de recursos e a implementação de governança técnica no DF, pautada por uma Agenda de Governança 2027-2030 elaborada por ela.

Cris Nardes também destacou a inspiração no pai, o ministro do TCU Augusto Nardes. "Antes de o meu pai chegar ao TCU, fomos de Santo Ângelo, e ele foi eleito vereador lá com 18 anos, sendo um dos mais jovens da época. Naquela trajetória do meu pai, tive o privilégio de acompanhá-lo nos últimos 15 anos e de me preparar para ser uma sucessora dele", afirmou.

A candidata relatou, ainda, sua experiência como secretária-adjunta na Subsecretaria de Compliance

da Casa Civil do GDF na primeira gestão de Ibaneis Rocha (MDB), onde atuou na capacitação de 700 servidores e na análise de contratos suspeitos. Segundo ela, foi firme ao contestar desvios, o que resultou em sua demissão enquanto estava grávida.

"A minha família conquistou uma trajetória sempre com muita transparência. Eu fui demitida grávida, exonerada grávida, por estar olhando para o dinheiro do povo com seriedade. E eu reforço que prefiro ser demitida grávida do que acobertar a sujeira", destacou.

Preparo

A candidata defende investigações sobre suspeitas no BRB e criticou a pouca representatividade feminina na CLDF — quatro mulheres entre 24 parlamentares —, reforçando ter qualificação para conduzir apurações. "Se eu sentar naquela cadeira, vou ser uma especialista e posso assumir uma CPI dessas para trazer seriedade aos assuntos, porque vejo deputados muito despreparados em relação a isso.

Eu fui muito bem preparada nos últimos 15 anos pelo meu pai para ser jogada no meio desses leões."

Licenciada da presidência da Rede de Governança Brasil (RGB), Cris declarou capacidade para fiscalizar o BRB, a Terracap e a Codhab. Ela defendeu a governança como urgente e suprapartidária para garantir verbas para saúde e educação.

"A corrupção é um dos maiores cânceres do Brasil, e a gente precisa resolver, independentemente de quem entre, direita ou esquerda. O buraco da nossa rua, se não é fechado e estoura o seu pneu, é política, porque o dinheiro não chega onde tem que chegar", declarou.

A postulante citou seu trabalho voluntário há oito anos na creche Monte Moriá, em São Sebastião, e a liderança em projetos de compliance em 447 prefeituras. Coautora de dois livros sobre o tema, ela acompanha a tramitação do Projeto de Lei de Governança e Combate à Corrupção no Congresso, que visa tornar obrigatórias práticas de controle em estados e municípios com base em padrões do TCU e da OCDE.

»Entrevista | RAPHAEL SEBBA | CANDIDATO À DISTRITAL

Sebba quer inserir o meio ambiente na pauta da CLDF

Aos 35 anos, o servidor público federal Raphael Sebba (PSB) disputa uma cadeira na Câmara Legislativa do DF e pretende levar à Casa, caso eleito, pautas voltadas ao meio ambiente e à sustentabilidade. Em entrevista às jornalistas Mila Ferreira e Ana Carolina Alves, no Podcast do **Correio**, ontem, Sebba falou sobre os problemas ambientais na capital, a desigualdade climática e possíveis soluções.

O que te levou a concorrer ao cargo de distrital?

Tenho uma longa caminhada debatendo como a cidade pode funcionar de maneira justa e sustentável. Temos feito uma conexão profunda entre a ocupação urbana e o debate ambiental. As pessoas pensam nesses espaços como separados, mas temos uma cidade organizada no coração do Cerrado que enfrenta problemas ambientais profundos. Quando uma pessoa pega um ônibus por duas horas, nessa onda de calor, lotado e sem ar-condicionado, ela está sofrendo um processo ambiental; o mesmo vale para uma escola que não tem boa ventilação. Com essa reflexão sobre como a cidade se relaciona com a questão ambiental, venho atuando nos últimos anos. Fui fundador da Feira Ponta Norte, que oferece comida orgânica e saudável às pessoas. Minha candidatura não surge agora, mas é fruto de uma vida inteira, seja na academia pesquisando, profissionalmente ou como ativista.

Quais são as suas propostas para Brasília?

Estamos num período de instabilidade climática. Sabíamos e anunciamos há mais de um ano que o El Niño geraria eventos

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



extremos. Na nossa região, os mais esperados são ondas de chuva intensa e seca prolongada, cuja principal característica é a volatilidade do clima. Precisamos de uma política preventiva focada na adaptação urbana. As ruas precisam estar bem preparadas. Há vias inteiras no DF que carecem de uma drenagem eficiente. Existem várias tecnologias que podemos utilizar e não apenas a drenagem tradicional, com grandes dutos que fazem a água escoar rapidamente para fora da região, mas também a infraestrutura verde. Contamos com técnicas como os jardins de chuva, que utilizam vegetação específica para reter a água e impedir que ela escoe de forma desordenada pelas ruas. Há soluções viáveis tanto para o espaço público quanto para as residências.

De que forma você pode ajudar na CLDF a combater a desigualdade em um cenário de mudanças climáticas?

A cidade não é igual para todos, por mais que a chuva caia e o sol

bata em toda a extensão do Distrito Federal. Os efeitos do tempo e do clima são diferentes dependendo da região, e uma das formas mais claras de perceber isso é a arborização. A árvore não deveria ser um indicador de raça ou de renda. Dependendo de onde você mora, da sua renda e da sua cor, você tem menor probabilidade de ter a sombra de uma árvore na porta de casa. Nas áreas nobres, quem arca com esse custo não é o morador diretamente, mas o governo com recursos de impostos pagos por toda a população. E, ironicamente, quem faz essa manutenção costuma ser alguém que não tem acesso a essa mesma infraestrutura na própria rua. Essa é uma oportunidade para repensarmos a cidade. Onde faltam árvores, também faltam boca de lobo, boa arquitetura e uma série de infraestruturas e direitos consolidados nas regiões nobres. E que bom que eles existem lá. O problema é não haver essa mesma política de cuidado para todo o Distrito Federal. E dá para ter.